



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT  
CURSO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO - LINGUAGENS E CÓDIGOS: ARTES (ARTES  
VISUAIS, ARTES CÊNICAS E MÚSICA)  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE TOCANTINÓPOLIS

ARLENE QUEIROZ DA SILVA SOARES

**CHÁCARA SANTA MARIA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS VIVIDAS NA  
OLERICULTURA E NA LAVOURA**

TOCANTINÓPOLIS-TO  
2026

ARLENE QUEIROZ DA SILVA SOARES

**CHÁCARA SANTA MARIA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS VIVIDAS NA  
OLERICULTURA E NA LAVOURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Colegiado do Curso de Educação do Campo -  
Linguagens e Códigos: Artes (Artes Visuais, Artes  
Cênicas e Música) da Universidade Federal do  
Norte do Tocantins – UFNT, Campus  
Tocantinópolis, como requisito final para obtenção  
do título de Licenciada em Educação do Campo.  
Professora orientadora: Dr<sup>a</sup> Luciméa Santos Lima.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT  
**Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Q3c Queiroz da Silva Soares, Arlene.  
CHÁCARA SANTA MARIA: : MEMÓRIAS E HISTÓRIAS  
VIVIDAS NA OLERICULTURA E NA LAVOURA / Arlene Queiroz  
da Silva Soares. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde - CEHS,  
TO, 2026.  
46 f.  
Monografia Graduação (Graduação - em Educação no Campo) --  
Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2026.  
Orientadora: Luciméa Santos Lima.  
1. Agricultura familiar. 2. Memórias rurais. 3. Olericultura.

**CDD 370**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

ARLENE QUEIROZ DA SILVA SOARES

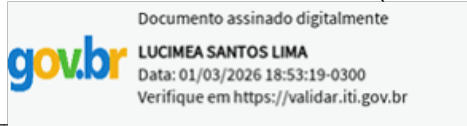
**CHÁCARA SANTA MARIA: MEMÓRIAS E HISTÓRIAS VIVIDAS NA  
OLERICULTURA E NA LAVOURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Educação do Campo - Linguagens e Códigos: Artes (Artes Visuais, Artes Cênicas e Música), da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, Campus Tocantinópolis, como requisito final para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo. Professor orientador (a): Dr<sup>a</sup> Luciméa Santos Lima.

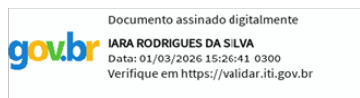
**Data de aprovação:** 23/ 02/2026

**Banca examinadora:**

Professora Dr<sup>a</sup> Luciméa Santos Lima (Orientadora)

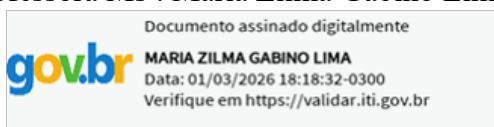


Professora Ms<sup>a</sup>. Iara Rodrigues Da Silva



(Membro interno)

Professora Ms<sup>a</sup>. Maria Zilma Gabino Lima



(Membro Externo)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, pela força concedida ao longo desta caminhada para superar os desafios enfrentados durante o curso.

Aos meus pais, Maria Queiroz de Amorin e Manoel Reis Lopes da Silva, meu mais profundo agradecimento, por todos os ensinamentos transmitidos ao longo da vida, especialmente pelo valor do trabalho, da honestidade e da dignidade.

Agradeço ainda ao meu falecido avô, Sebastião Queiroz, que, mesmo não estando mais presente, permanece vivo em sua história, exemplo e legado. O esforço diário, o trabalho árduo realizado com amor e dedicação na chácara sempre foram motivo de orgulho e inspiração para minha formação pessoal e acadêmica.

Agradeço ao meu esposo, Rogério Soares, pelo apoio, incentivo, paciência e compreensão durante todo o processo de elaboração deste trabalho, sendo fundamental para que este objetivo fosse alcançado.

À minha irmã, Samira Lopes, agradeço o incentivo constante e pelas palavras de apoio ao longo dessa trajetória.

Agradeço, de forma especial, à minha orientadora, Luciméa Santos Lima, pela orientação, dedicação, compreensão e contribuição essencial para o desenvolvimento e a conclusão deste trabalho.

*Dedico esse trabalho a minha família e em especial minha mãe e meu pai por sempre me apoiar e serem minha inspiração. A vocês meu profundo e eterno agradecimento.*

*“As histórias que importam são aquelas que  
fincam raiz no chão da vida.” Eliane Brum*

## RESUMO

O cultivo da terra, quando conduzido por pequenos grupos de famílias vinculadas à agricultura familiar, ganha um sentido que ultrapassa a dimensão econômica. Trata-se de um modo de viver e de produzir que reúne relevância social, ambiental e alimentar, sobretudo quando se considera os efeitos do uso intensivo de agrotóxicos sobre a saúde humana e sobre os próprios territórios rurais. É nesse cenário que se insere a Chácara Santa Maria, uma pequena propriedade onde o trabalho cotidiano com a terra se organiza a partir de princípios associados à agricultura familiar.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as memórias, práticas e experiências construídas na Chácara Santa Maria, destacando como a olericultura e a lavoura se entrelaçam à história do grupo, participando da formação de uma identidade familiar e da dinâmica produtiva local. Para isso, foram mobilizadas pesquisas bibliográficas bem como o uso da entrevista, além do uso de imagens do acervo pessoal e de fontes secundárias. Ao longo do estudo, foi possível aproximar conhecimentos já presentes na vivência e na trajetória da família de novas informações reunidas durante a investigação. Esse percurso contribuiu para iluminar dinâmicas, limites e potencialidades da agricultura familiar, especialmente no que diz respeito à promoção da segurança alimentar e a práticas orientadas para a sustentabilidade.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar; Memórias rurais; Olericultura; Identidade familiar; Segurança alimentar



## ABSTRACT

Land cultivation, when carried out by small groups of families engaged in family farming, takes on a meaning that goes beyond the economic dimension. It constitutes a way of living and producing that holds social, environmental, and food-related relevance, particularly when one considers the effects of the intensive use of agrochemicals on human health and on rural territories themselves. It is within this context that Chácara Santa Maria is situated, a small rural property where everyday work with the land is organized according to principles associated with family farming.

This study aims to understand the memories, practices, and experiences developed at Chácara Santa Maria, highlighting how vegetable cultivation and field cropping are interwoven with the group's history, contributing to the formation of a family identity and to local productive dynamics. To this end, the research drew on bibliographic sources and interviews, as well as images from the family's personal archive and secondary sources. Throughout the study, it was possible to bring into dialogue knowledge already embedded in the family's lived experience and trajectory with new information gathered during the investigation. This process helped illuminate the dynamics, limits, and potentials of family farming, especially with regard to promoting food security and fostering sustainability-oriented practices.

**Keywords:** Family farming; rural memories; vegetable cultivation; family identity; food security.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                               |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 1:</b> Mapa de localização do estado do Tocantins e região do Bico do Papagaio..... | 18 |
| <b>Figura 2:</b> Localização Tocantinópolis no território tocaninense.....                    | 19 |
| <b>Figura 3:</b> Foto aérea do Povoado Folha Grossa .....                                     | 20 |
| <b>Figura 4:</b> Bryophyllum pinnatum - Folha Grossa .....                                    | 21 |
| <b>Figura 5:</b> Chácara Santa Maria.....                                                     | 21 |
| <b>Figura 6:</b> início e atualidade como agricultor.....                                     | 23 |
| <b>Figura 7:</b> plantação de couve e alface .....                                            | 28 |
| <b>Figura 8:</b> Vista geral da produção de hortaliças .....                                  | 30 |
| <b>Figura 9:</b> plantação de hortaliças.....                                                 | 36 |
| <b>Figura 10:</b> produção de melancia e mandioca.....                                        | 37 |
| <b>Figura 11:</b> Poços.....                                                                  | 38 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| PERCURSO DE VIDA E FORMAÇÃO .....                                                                             | 11 |
| 1 INTRODUÇÃO.....                                                                                             | 14 |
| 2 METODOLOGIA.....                                                                                            | 16 |
| 3 MEMÓRIAS DA CHÁCARA SANTA MARIA: O INÍCIO DE UMA HISTÓRIA DE<br>TRABALHO E CULTIVO .....                    | 18 |
| 3.1 O COTIDIANO DO TRABALHO AGRÍCOLA: A EXPERIÊNCIA DE SEBASTIÃO<br>QUEIROZ E MANOEL REIS LOPES DA SILVA..... | 23 |
| 4 ASPECTOS TEÓRICOS DA AGRICULTURA FAMILIAR.....                                                              | 26 |
| 4.1 A AGRICULTURA FAMILIAR E SUA RELEVÂNCIA SOCIAL .....                                                      | 28 |
| 4.2 AVANÇO DO AGRONEGÓCIO .....                                                                               | 31 |
| 4.3 AGROECOLOGIA E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS .....                                                                | 33 |
| 4.4 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OLERICULTURA E LAVOURA NA CHÁCARA<br>SANTA MARIA .....                         | 36 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                                                  | 41 |
| REFERÊNCIAS .....                                                                                             | 43 |

## PERCURSO DE VIDA E FORMAÇÃO

Meu nome é Arlene Queiroz da Silva Soares, nasci em 4 de setembro de 1996, na cidade de Tocantinópolis, Tocantins. Filha de Maria Queiroz e Manoel Reis Lopes, ambos lavradores, e a primeira filha do casal. Minhas raízes atravessam estados e trajetórias de luta: meu pai é natural cabeceira do lajeadinho do Maranhão, hoje conhecida como Sá João do Paraíso e minha mãe do Icó, no Ceará. Desde cedo, aprendi o valor do trabalho, da terra e da família, pois cresci em um lar simples, construído com esforço, afeto e vida comunitária.

Minha infância foi vivida no povoado Folha Grossa, onde a educação do campo se entrelaça com o cotidiano familiar e comunitário. Aos cinco anos ingressei na Escola Estadual Manoel de Souza Lima. Recordo-me com carinho dos materiais escolares simples, da caixa de giz de cera compartilhada, dos cabelos trançados com cuidado por minha tia Rosivan, das brincadeiras no terreiro, dos banhos de cacimba, do cheiro do forno de barro e dos encontros familiares de domingo, que sempre reforçavam o senso de união e pertencimento.

A minha trajetória foi marcada por responsabilidade desde muito cedo. Ainda pequena, ajudava minha mãe com minha irmã mais nova, segurando no colo para minha mãe conseguir fazer os afazeres de casa e, ao longo dos anos, essa rotina de cuidado se ampliou com o nascimento das minhas outras irmãs e, depois, dos meus irmãos gêmeos. Com apenas nove anos, já dividia meu tempo entre estudo, tarefas domésticas e auxílio nas atividades agrícolas da família. Aprendi a plantar, a capinar, a colher feijão, milho, mandioca e hortaliças, e a compreender o ritmo da vida que nasce da terra. Meu pai sempre foi minha referência no cultivo; foi ele quem me ensinou a preparar o canteiro, adubar, regar e colher com respeito ao tempo da natureza.

A adolescência trouxe novas responsabilidades e desafios. Em 2006, passei a estudar na sede do município, deslocando-me diariamente para continuar meus estudos. A rotina era intensa: ajudava pela manhã na horta, seguia para a escola ao meio-dia e, ao retornar, continuava contribuindo nos afazeres de casa e no cuidado com a produção familiar.

Em dezembro de 2014, aos 18 anos, me casei. Concluí o ensino médio no ano seguinte, conciliando vida conjugal, casa e o trabalho na roça. Passei a criar galinhas, comercializar ovos e frangos, e continuar presente na produção agrícola da família. Com o tempo, também aprendi a organizar e vender produtos na feira da comunidade, atividade que me ensinou sobre economia familiar, autonomia e o valor do trabalho coletivo no campo.

Sempre tive o desejo de estudar e ampliar minhas possibilidades, e em 2018 realizei o vestibular para Licenciatura em Educação do Campo Artes, na Universidade Federal do Norte

do Tocantins (UFNT), campus Tocantinópolis, sendo aprovada. Em 2019 iniciei minha formação, que ampliou minha visão sobre a vida no campo e reafirmou minha identidade rural. Em 2020 enfrentei momentos difíceis com a pandemia e a perda de uma gestação, mas também vivi a bênção de uma nova gestação logo após. Em junho de 2021 nasceu meu filho, e, com apoio da minha mãe e da minha rede familiar, consegui continuar o curso e retornar presencialmente quando ele completou um ano de idade. Concluí as disciplinas em 2023, mantendo a rotina entre maternidade, estudos e trabalho rural. Ser mulher, mãe, e dona de casa é uma grande responsabilidade, sou forte e guerreira por continuar e alcançar meus objetivos acadêmicos e pessoais, mesmo que em tempo diferente de outras pessoas.

Hoje, moro ao lado da chácara de meus pais, o Recanto do Beija-Flor, onde mantenho minha rotina entre o cuidado com minha família, com meu lar e com a produção agrícola. Tenho orgulho do meu canteiro de hortelã, das colheitas que faço com minhas próprias mãos, da comercialização das polpas de frutas como cupuaçu e tamarindo e do apiário que meu marido instalou e no qual tive a oportunidade de participar da primeira colheita de mel. Nossa vida no campo segue o ritmo da natureza e do trabalho diário, sem pausas sempre semeando, cuidando e colhendo.

Minha trajetória tem sido construída com fé, trabalho, simplicidade e perseverança. O conhecimento que levo da roça para a universidade e da universidade para a roça me guia e me fortalece. Sou fruto da educação do campo e da agricultura familiar, e é com orgulho dessa origem que sigo estudando, trabalhando e lutando para que a realidade rural seja reconhecida em sua potência, saberes e riquezas humanas, culturais e ambientais.

A realização deste trabalho acadêmico, com foco na educação ambiental e na agricultura familiar, especialmente a partir do estudo de caso da Chácara Santa Maria, representa não apenas uma pesquisa acadêmica, mas também um registro da minha própria história e da história de tantas famílias agricultoras que, como a minha, constroem sua vida com dignidade, respeito à terra e amor pela produção.

Ao retomar a minha trajetória, compreendo que cada etapa vivida no campo influenciou profundamente a maneira como vejo a escola, a comunidade e a própria educação. A rotina de trabalho ao lado de meus pais me ensinou desde cedo a importância da responsabilidade, da colaboração e da observação atenta dos processos da natureza. Esses aprendizados moldaram o meu olhar enquanto estudante, fazendo com que eu valorizasse a escola não apenas como um espaço de conteúdos, mas como um lugar capaz de dialogar com os saberes que já existiam na minha vida e na minha comunidade. Foi nesse encontro entre a vida rural e o espaço escolar

que comecei a entender que o conhecimento tem muitas formas e que todas elas precisam ser respeitadas.

A convivência com minha família e com o território onde cresci também influenciou diretamente minhas escolhas profissionais. O modo como aprendi a plantar, colher, cuidar da horta, preparar as polpas de frutas ou participar da colheita de mel me fez compreender o valor do trabalho no campo, da autonomia e da identidade rural. Essas vivências me ensinaram a ser perseverante, observadora e paciente, características que hoje reconheço como fundamentais para a minha formação acadêmica. Ao mesmo tempo, percebi que muitos dos desafios enfrentados pelas famílias agricultoras são pouco discutidos nos espaços formais de ensino, o que despertou em mim o desejo de aprofundar esse tema dentro da universidade. A convivência no meio rural trouxe uma construção de identidade que considero admirável e necessária, é gratificante e interessante para eu fazer canteiros, hortas, e assim, fazer chás, e manter uma alimentação mais balanceada.

Nesse sentido, o estudo sobre a Chácara Santa Maria se conecta diretamente à minha própria história. Escolher esse espaço como foco da pesquisa não foi uma decisão aleatória, mas um movimento natural, guiado pelo vínculo afetivo, pelas memórias e pelos aprendizados que construí ao longo da vida. A chácara representa mais do que um local de produção: ela simboliza modos de viver que atravessam gerações, transmitindo valores como respeito à terra, cuidado com a família, solidariedade e persistência. É também um território onde vejo refletidos muitos dos mesmos processos que marcaram a minha formação e que continuam a orientar minhas escolhas.

Por isso, antes mesmo de descrevê-la tecnicamente, é importante reconhecer o significado que a chácara tem para mim e para minha família. Ela tem o papel de reforçar a identidade rural que carrego, reafirmar meu pertencimento e a força da agricultura familiar como forma de sustento, de cultura e de vida. Ao estudá-la, busco compreender não apenas os processos produtivos, mas também os sentidos simbólicos que esse espaço representa.

## 1 INTRODUÇÃO

A agricultura familiar desempenha papel relevante na produção de alimentos, ao priorizar o uso racional dos recursos naturais e, em muitos casos, adotar práticas que reduzem ou evitam o uso de agrotóxicos. Além de contribuir para a segurança alimentar, essa forma de produção está associada à geração de emprego e renda no meio rural, ao fortalecimento das economias locais e à melhoria das condições de vida das famílias envolvidas, promovendo bem-estar social e maior qualidade de vida para produtores e consumidores.

Em territórios onde a relação com a terra ultrapassa a dimensão produtiva, essas práticas tornam-se expressão de memória, identidade e resistência, preservando modos de vida que enfrentam constantes desafios decorrentes das transformações no campo e do avanço do agronegócio. Nesse cenário, compreender a trajetória de propriedades familiares, seus saberes tradicionais e suas estratégias de permanência no meio rural torna-se fundamental para a valorização do trabalho agrícola e para o fortalecimento das políticas de desenvolvimento sustentável.

A Chácara Santa Maria, localizada no município de Tocantinópolis, é parte dessa realidade ao longo de mais de duas décadas de atividades produtivas ligadas à olericultura e à lavoura. Entretanto, apesar de sua importância social, econômica e cultural, a produção agrícola familiar muitas vezes permanece invisibilizada, com pouca documentação sobre suas práticas, suas dificuldades cotidianas e suas contribuições para a comunidade. Observa-se ainda que, embora existam estudos gerais sobre agricultura familiar e agroecologia, faltam trabalhos que sistematizem narrativas locais, práticas, técnicas adaptadas ao contexto regional e o impacto concreto de políticas públicas sobre a rotina produtiva de uma unidade familiar específica. Essa lacuna compromete a compreensão das dinâmicas locais e fragiliza propostas de apoio adequadas às necessidades reais dos agricultores.

Diante deste cenário surge a problemática que orienta o presente estudo: qual a importância das práticas agrícolas desenvolvidas na Chácara Santa Maria para a manutenção da agricultura familiar e para o desenvolvimento local de Tocantinópolis–TO?

Nesse sentido, busca-se entender de que modo, as experiências acumuladas, incluindo saberes tradicionais, técnicas aprendidas em cursos e participação em programas de políticas públicas, contribuem para a resiliência produtiva e para a reprodução social da família produtora. Investigar essa problemática é relevante porque permite identificar quais práticas

sustentáveis e arranjos produtivos são eficazes no contexto local, além de fornecer subsídios para políticas públicas e iniciativas de apoio mais alinhadas à realidade da agricultura familiar.

O presente trabalho justifica-se, portanto, por sua contribuição à documentação e análise de uma experiência concreta da agricultura familiar, ao registro de memórias e saberes rurais e à reflexão sobre estratégias de sustentabilidade produtiva. A pesquisa interessa tanto ao campo acadêmico por ampliar a literatura sobre estudos de caso em olericultura e agroecologia quanto à sociedade local, ao oferecer insumos que podem orientar ações de extensão, formação técnica e políticas públicas voltadas ao fortalecimento da produção familiar.

O objetivo geral desta pesquisa foi compreender as memórias, práticas e experiências desenvolvidas na Chácara Santa Maria, destacando a relevância da olericultura e da lavoura para a construção da identidade familiar e para a dinâmica produtiva local. Como objetivos específicos: apresentar o histórico da propriedade e a trajetória do agricultor responsável; descrever as técnicas de cultivo adotadas e suas adaptações ao longo do tempo; analisar os principais desafios enfrentados pela família; e avaliar a importância dos programas governamentais e das redes locais para a comercialização e manutenção da produção.

Para alcançar os objetivos, adotou-se abordagem qualitativa de caráter exploratório, com realização de pesquisa de campo e estudo de caso centrado na Chácara Santa Maria. A coleta de dados incluiu observações diretas, registros de campo, entrevista e anotações sobre práticas cotidianas, além de consulta a fontes documentais e bibliográficas pertinentes ao tema.

A pesquisa está organizada da seguinte maneira: parte 1 apresenta a introdução, com contextualização, problemática, objetivos e percurso metodológico; parte 2 discute o referencial teórico sobre agricultura familiar, agroecologia, memória e olericultura; parte 3 detalha a metodologia empregada; parte 4 expõe o desenvolvimento e a discussão dos dados, incluindo a história da Chácara Santa Maria, as práticas de cultivo, as dinâmicas sazonais (verão e inverno), manejo hídrico, técnicas de cultivo, experiências inovadoras e participação em programas governamentais; por fim, a parte 5 reúne as considerações finais, apontando contribuições, limitações e sugestões para pesquisas futuras.



## 2 METODOLOGIA

A presente pesquisa quanto à metodologia adota uma abordagem qualitativa, por se tratar de um estudo que busca compreender a realidade vivenciada pelo agricultor e os processos produtivos desenvolvidos na Chácara Santa Maria, considerando significados, percepções e práticas sociais. Conforme destaca Koche (2011), a pesquisa qualitativa privilegia o ambiente natural como fonte direta de dados e reconhece o pesquisador como instrumento essencial no processo de coleta e interpretação das informações.

Além disso, o estudo apresenta aproximações com o conceito de Escrivivência, cunhado por Conceição Evaristo, que compreende a escrita como expressão das vivências, memórias e experiências concretas dos sujeitos (Evaristo, 2020). A narrativa construída articula história familiar, práticas agrícolas e saberes transmitidos entre gerações, reconhecendo a experiência vivida como fonte legítima de produção de conhecimento.

A investigação caracteriza-se ainda como exploratória, uma vez que busca aprofundar o conhecimento acerca das dinâmicas produtivas da agricultura familiar, especialmente no contexto da olericultura. Esse tipo de pesquisa, segundo Sampaio (2022), é recomendado quando o objetivo central consiste em ampliar a compreensão sobre determinado fenômeno, permitindo maior aproximação com o objeto estudado e favorecendo a construção de interpretações fundamentadas na realidade observada.

Para a obtenção dos dados necessários ao estudo, foi realizada pesquisa de campo, procedimento que permitiu o contato direto com o ambiente das atividades produtivas, e infraestrutura, além de diálogo com o agricultor responsável pela chácara.

Como procedimento técnico, empregou-se o estudo de caso, metodologia indicada quando se pretende investigar uma unidade específica em profundidade, considerando seu contexto social, econômico e cultural. A Chácara Santa Maria foi analisada como um caso singular e representativo de práticas da agricultura familiar regional, permitindo compreender tanto seus desafios quanto suas potencialidades produtivas.

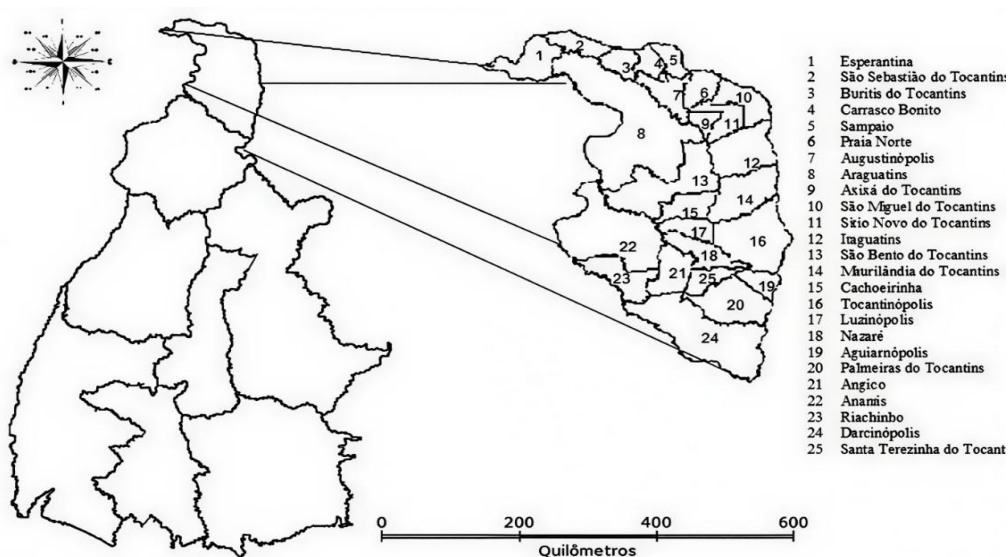
A escolha pelo estudo de caso justifica-se pela necessidade de examinar a realidade da unidade produtiva de forma abrangente, integrando aspectos como manejo de água, técnicas de cultivo, adaptação climática, diversificação de espécies, uso de práticas sustentáveis e participação em programas governamentais de comercialização. Desse modo, a pesquisa ultrapassa uma simples descrição, buscando interpretar como tais elementos influenciam a organização do trabalho e a geração de renda no contexto da agricultura familiar.

Os dados coletados foram registrados em caderno de campo e analisados de forma descritivo-interpretativa, permitindo a organização temática das informações conforme os objetivos do estudo. Foram também produzidas fotografias que contribuem para a documentação visual da realidade estudada.

### 3 MEMÓRIAS DA CHÁCARA SANTA MARIA: O INÍCIO DE UMA HISTÓRIA DE TRABALHO E CULTIVO

O estado do Tocantins está localizado na Região Norte do Brasil, sendo criado oficialmente em 1989, após sua emancipação do estado de Goiás. A criação do estado foi resultado de um longo processo histórico de lutas políticas e sociais pela autonomia do então norte goiano, região que apresentava características econômicas, culturais e sociais distintas do sul do antigo estado (TOCANTINS, 2026).

**Figura 1:** Mapa de localização do estado do Tocantins e região do Bico do Papagaio



Fonte: google fotos (2025).

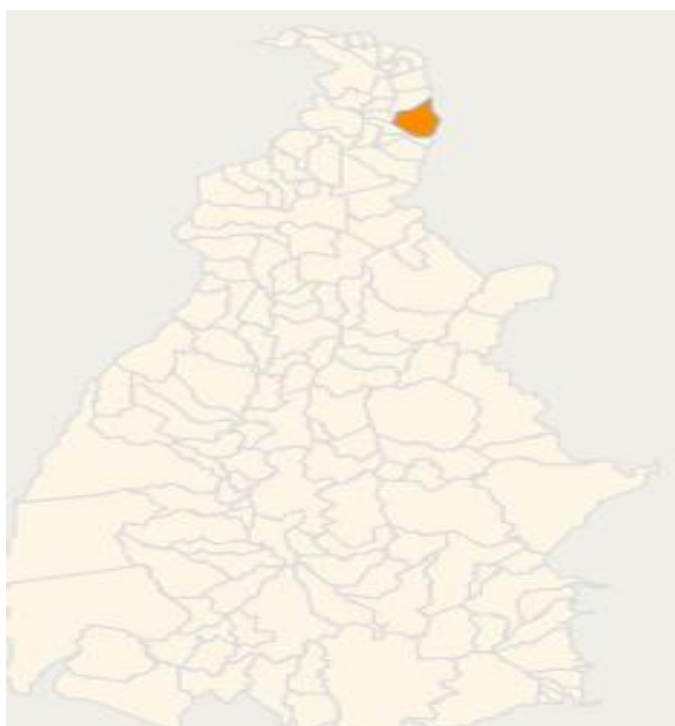
O estado do Tocantins faz limites com os estados de Goiás, Mato Grosso, Pará, Maranhão, Piauí e Bahia e apresenta grande diversidade ambiental, com predomínio do bioma Cerrado, além de áreas de transição com a Amazônia. Essa diversidade favorece o desenvolvimento de práticas agrícolas tradicionais, especialmente aquelas ligadas à agricultura familiar, que historicamente desempenha papel central na subsistência e na economia regional (TOCANTINS, 2026).

Dentro do território tocantinense, destaca-se a região conhecida como Bico do Papagaio, localizada ao extremo norte do estado. Essa região recebe essa denominação em razão de seu formato geográfico e caracteriza-se por uma forte presença da agricultura familiar, de comunidades tradicionais, povos indígenas e populações negras, cuja formação histórica está profundamente ligada aos processos de ocupação do território, às migrações internas e à resistência cultural. O Bico do Papagaio é reconhecido por sua intensa relação com a terra, pela

transmissão de saberes agrícolas entre gerações e pelo uso de práticas produtivas que articulam memória, trabalho e identidade.

É nesse contexto regional que se insere o município de Tocantinópolis, localizado no norte do estado do Tocantins, às margens do rio Tocantins, fazendo divisa com o estado do Maranhão. O município encontra-se a aproximadamente 530 km da capital Palmas, sendo um importante polo histórico, cultural e econômico da região do Bico do Papagaio. Tocantinópolis apresenta forte vínculo com atividades rurais, especialmente aquelas desenvolvidas por pequenos produtores e agricultores familiares, que desempenham papel fundamental no abastecimento local e na manutenção de práticas agrícolas tradicionais (Governo do Tocantins, 2024).

**Figura 2:** Localização Tocantinópolis no território tocaninense



Fonte: IBGE (2025).

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2025), Tocantinópolis possui uma população marcada pela diversidade étnica e cultural, com significativa presença de populações negras e indígenas, reflexo de um processo histórico de ocupação baseado no trabalho rural, nas relações comunitárias e na resistência de grupos sociais historicamente marginalizados. Essa composição social influencia diretamente as formas de organização do trabalho no campo, a transmissão de saberes produtivos e as estratégias de sobrevivência diante das adversidades climáticas, econômicas e de mercado.

É nesse contexto que se insere a Chácara Santa Maria, localizada no povoado Folha Grossa, zona rural de Tocantinópolis–TO, a comunidade fica a 8 km de Tocantinópolis as margens da TO-126, a comunidade é composta por cerca de 130 famílias, entre elas a de Manoel Reis Lopes da Silva. Ele é um produtor que iniciou essa atividade no ano de 1995, se especializou em horta e olericultura em 1997, através de ensinamentos do agrônomo Pedro e Valdeke do Ruraltins, e continuou tendo apoio e acompanhamento do técnico do Ruraltins Augusto Pereira das Caldas, e posteriormente tendo acompanhamento do SENAI, que iniciou assistência, desde então sua profissão como agricultor foi se aperfeiçoando cada vez mais. Casado e pai de 5 filhos, Manoel sempre teve a ajuda de todos em sua propriedade. Maria Queiroz é mãe e dona de casa, sua presença no meio rural foi e é muito importante para todos da família, seus 5 filhos e seu esposo. Maria cuida da criação de galinhas e ajuda na colheita das verduras, sendo uma figura de mulher guerreira.

**Figura 3:**Foto aérea do Povoado Folha Grossa



Fonte: Fernando Alves (2021)

O povoado Folha Grossa apresenta, em sua formação e paisagem, elementos naturais característicos da região, entre eles a planta conhecida popularmente como Folha Grossa que deu nome ao povoado, também chamada de folha-santa, pertencente à espécie *Bryophyllum pinnatum*. Trata-se de uma planta de fácil reprodução, o que favoreceu sua ampla presença no território ao longo do processo de ocupação da comunidade.



Com o passar do tempo, as transformações no espaço do povoado, especialmente relacionadas à abertura de ruas, construção de casas e outras intervenções humanas, contribuíram para a redução dessa vegetação. Atualmente, a planta ainda pode ser encontrada em alguns quintais e locais específicos da comunidade, permanecendo como parte do cotidiano e da memória ambiental do povoado, mesmo diante das mudanças ocorridas ao longo dos anos.

**Figura 4:** *Bryophyllum pinnatum* - Folha Grossa



Fonte: Autora (2025)

A Folha Grossa é considerada medicinal para a população mais velha do povoado, servindo, segundo eles, para inflamação, podendo ser feito chá da folha, tirado sumo da folha. Segundo Manoel, quando está com dor de ouvido murcha a folha, espreme em uma colher o seu sumo é colocado no ouvido para alívio da dor.

**Figura 5:** Chácara Santa Maria



Fonte: Autora (2025)

A trajetória dessa chácara representa não apenas a história de uma família, mas também um recorte significativo da agricultura familiar desenvolvida na região do Bico do Papagaio,

marcada pelo trabalho coletivo, pela adaptação às condições ambientais e pela permanência no campo ao longo das gerações.

Na década de 1980, meu avô, Sebastião Queiroz veio do Ceará para o norte do atual estado do Tocantins, que na época ainda pertencia a Goiás, em busca de melhores condições de vida. Ele chegou com a esposa Josefa e dois filhos, carregando esperança e o desejo de construir um futuro digno para sua família. Por volta desse período, comprou a Chácara Leôncio. Ao chegar, encontrou apenas um pequeno barraco coberto, sem paredes, e algumas poucas plantas: um pé de jaca, um pé de manga, dois pés de laranja e uma moita de banana. Sua primeira moradia foi uma casa de taipa<sup>1</sup>, simples, mas erguida com muito esforço e dedicação.

A partir daí, Sebastião começou seus primeiros plantios. Inicialmente cultivou ananás e mudas de banana, que obteve com amigos e vizinhos. Com o passar do tempo, foi ampliando sua produção e diversificando as plantações, incluindo jaca, laranja, cujuba<sup>2</sup>, coco-da-praia, cupuaçu, cacau, abacate, cana, caju, laranja-tanja e tanja-poncã. Enquanto as primeiras plantas ainda não produziam frutos, Sebastião encontrou outra forma de sustento: comprava abóboras e bananas para revender na feira coberta de Tocantinópolis, que funcionava apenas aos domingos. Durante a semana, vendia também nas ruas da cidade, utilizando um jumento como meio de transporte. Sua filha Maria Queiroz o acompanhava nessas jornadas de trabalho, ajudando nas vendas.

Quando a chácara começou a produzir seus próprios frutos, Sebastião passou a vender produtos da própria terra, como abacate, cupuaçu, cacau, banana e laranjas, aumentando sua renda e fortalecendo o sustento da família. Além disso, começou a criar porcos e a produzir carvão a partir do coco babaçu, tanto para o uso doméstico quanto para comercialização.

Em 1994, sua filha Maria casou-se com Manoel e o casal passou a morar na mesma chácara. Manoel construiu também uma casa de taipa e começou a trabalhar na terra. Ele derrubou uma parte da mata, cerca de oito linhas, podendo ser variável, mas Manoel Queiroz menciona que oito linhas de terra equivalem, no padrão mais comum (3.025 m<sup>2</sup> por linha), a 24.200 metros quadrados. Assim, ao fazer cálculos a área equivale a aproximadamente 2,42 hectares (já que 1 hectare corresponde a = 10.000 m<sup>2</sup>). Na área derrubada ele plantou arroz, feijão, macaxeira, fava e banana. Em outro espaço, iniciou os primeiros canteiros de hortaliças, marcando o início da atividade de olericultura na chácara.

---

<sup>1</sup> Taipa é Parede de construções rústicas, feita de barro (a que se misturam às vezes areia e cal) comprimido numa estrutura entretecida de varas ou taquaras; pau a pique: casa de taipa (Dicionário Online, 2025).

<sup>2</sup> Pequena cabaça (Dicionário Online, 2025).

**Figura 6:** início e atualidade como agricultor Manoel, Maria e suas filhas Aline Lopes e Arlene Queiroz



Fonte: Manoel (2000).

Com os primeiros resultados, Maria, que já acompanhava o pai Sebastião nas vendas, passou a trabalhar ao lado do esposo na feira. O meio de transporte de Manoel era uma bicicleta, que ele mesmo criou fazendo uma adaptação para carregar as caixas de verduras. Durante a semana, ele saía para vender os produtos de porta em porta, passando pela rua do DERTINS, o posto de gasolina, a rodoviária, a rua Maranhão, a Beira Rio e a região do Matadouro, próximo ao Colégio Dom Orione. O cheiro-verde era o primeiro produto a acabar, e ele continuava o percurso pela cidade alta, repetindo essa rotina duas vezes por semana.

Com o tempo, Manoel ampliou o trabalho na terra: derrubou outro trecho de mata, transformando-o em pasto, e comprou suas primeiras novilhas. Sebastião, o patriarca, também seguiu investindo em criação e cultivo, consolidando o que hoje se conhece como Chácara Santa Maria, um espaço que guarda histórias, memórias e o legado de gerações dedicadas à lavoura e à olericultura.

### **3.1 O COTIDIANO DO TRABALHO AGRÍCOLA: A EXPERIÊNCIA DE SEBASTIÃO QUEIROZ E MANOEL REIS LOPES DA SILVA**

O cotidiano de trabalho de Sebastião Queiroz Amorin era marcado pela dedicação integral à terra e à criação de animais, configurando um modo de vida típico da agricultura familiar tradicional. Na chácara, mantinha criação de gado leiteiro, produzindo o leite destinado ao consumo da família, do qual também elaborava coalhadas de forma artesanal. Como gesto simbólico de cuidado e pertencimento, a cada neto que nascia, Sebastião presenteava a família com uma novilha, reforçando os laços familiares e a continuidade da vida no campo.



Sua rotina diária envolvia o cuidado com os animais da propriedade, como gado, jumento, porcos, bodes e galinhas, além da atenção constante aos plantios. O zelo pela terra era demonstrado no cultivo cuidadoso e na organização do espaço, incluindo o cultivo de flores ao redor da casa, prática que revelava sua relação afetiva com o ambiente rural. Sebastião também era conhecido pelo carinho com os netos e com as crianças da comunidade; ao retornar das vendas de banana, realizadas com o auxílio de uma bicicleta, costumava levar pacotes de pipoca para distribuir às crianças pelo caminho, até chegar em casa.

Viúvo, pai e avô, Sebastião era reconhecido como uma figura querida por todos. Gostava de compartilhar histórias de sua trajetória de vida no Ceará, relatando experiências vividas antes de migrar para a região norte do Tocantins. Esses momentos de memória e convivência aconteciam, frequentemente, sob um pé de acerola, local onde costumava se sentar diariamente para conversar e cantar. As manifestações culturais também faziam parte de sua vivência, especialmente no mês de junho, quando realizava as tradicionais fogueiras de São João e São Pedro, reunindo a família para assar batatas e fortalecer os vínculos comunitários. Em 2012, Sebastião adoeceu e veio a falecer, deixando um legado de trabalho, afeto e dedicação à terra.

Com o passar do tempo, a terra foi dividida entre seus dois filhos, deixando de ser denominada Chácara Leôncio e passando a se chamar Chácara Santa Maria, sob a responsabilidade de Manoel Reis Lopes da Silva, que deu continuidade às atividades agrícolas. Manoel, além de trabalhar em sua própria terra, também exerceu atividades como trabalhador rural em terras arrendadas. Atuou por cinco anos e seis meses na empresa Tobasa<sup>3</sup>, encerrando esse vínculo em junho de 2006, ano em que passou a se dedicar integralmente à agricultura familiar.

O trabalho cotidiano de Manoel na chácara envolve uma rotina intensa e sistemática, especialmente na olericultura. Desde cedo, suas filhas passaram a acompanhá-lo nas atividades da horta, aprendendo na prática o preparo da terra, o plantio, a colheita e os cuidados com os canteiros. As atividades iniciavam pela manhã, por volta das 8h30, com a irrigação da horta, seguida da limpeza dos canteiros, realizada manualmente, ainda nas primeiras horas do dia, quando o sol se apresentava mais ameno. Os canteiros já colhidos eram preparados novamente, passando por processos de capina, adubação e revolvimento da terra para o plantio de novas sementes e mudas, como a alface.

---

<sup>3</sup> Tobasa Bioindustrial é uma pioneira no aproveitamento integral do coco babaçu, com sede em Tocantinópolis (TO), atuando na produção de carvão ativado, óleos e subprodutos.

No período da tarde, a partir das 16 horas, a horta era novamente irrigada, utilizando-se regadores com capacidade de 10 litros. Nesse mesmo horário, iniciava-se a colheita dos produtos destinados à feira, especialmente aos sábados. As hortaliças, como alface, couve, coentro e cebola, eram colhidas, limpas, organizadas em molhos e amarradas com palha de bananeira, tirada direta do olho de buriti. Após esse processo, os produtos eram lavados e deixados ao sereno para evitar que murchassem, além de ter que ficar num lugar livre fresco porque é arrancado ao entardecer para ser entregue e ter a verdura fresca no outro dia. Na madrugada do domingo, por volta das 3 horas, a família se organizava para transportar as verduras até a feira, acondicionando-as em caixas de isopor.

Sem transporte próprio durante muitos anos, Manoel e suas filhas caminhavam cerca de 500 metros empurrando carinho de mão com as caixas de verduras até a rodovia TO-126 para pegar o transporte que vinha de Maurilândia com destino à feira. Em algumas ocasiões, quando as vendas não eram satisfatórias, parte das verduras retornava para casa e era destinada à alimentação dos animais. Além da feira, a produção também abastecia escolas da cidade, exigindo organização prévia para colheita, lavagem, separação e embalagem dos produtos, de modo que as entregas fossem realizadas a partir das 7h30 da manhã.

Em períodos específicos, como a colheita do maxixe, o trabalho se intensificava, sendo realizado ainda pela manhã com o uso de tesouras apropriadas para facilitar o corte. Durante a safra do abacate, a colheita ocorria às quartas-feiras, contando com o auxílio dos filhos, utilizando varas com ganchos para alcançar os frutos, que eram armazenados e cobertos para amadurecimento gradual até o domingo da feira. Já no período de maior produção de bananas, as pencas eram cortadas com ferramentas específicas, espalhadas ao sol para escorrer o látex e, posteriormente, armazenadas de forma adequada para comercialização e consumo.

Ao longo dos anos, embora algumas filhas tenham constituído suas próprias famílias, o trabalho na chácara continuou sendo desenvolvido de forma coletiva, contando com o apoio da esposa Maria e dos filhos que permaneceram mais próximos. Em 2011, Manoel realizou o cadastro no Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, o que possibilitou importantes conquistas, como a aquisição de uma motocicleta e, posteriormente, de um carro, ampliando as condições de transporte e entrega da produção. Programas institucionais, como o Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE, contribuíram significativamente para a continuidade e fortalecimento das atividades desenvolvidas na Chácara Santa Maria, assegurando renda, permanência no campo e a valorização da agricultura familiar.

#### 4 ASPECTOS TEÓRICOS DA AGRICULTURA FAMILIAR

Na construção do referencial teórico deste trabalho são utilizados autores que abordam a importância da memória, da agroecologia e da agricultura familiar no contexto do campo, bem como reflexões sobre soberania e segurança alimentar. As obras selecionadas contribuem para compreender como a olericultura e a lavoura, desenvolvidas na Chácara Santa Maria, estão inseridas em um processo histórico, social e ambiental de resistência e permanência no meio rural.

O primeiro autor trabalhado é Michel Pollak, com sua obra “Memória, esquecimento e silêncio”, que possibilita uma reflexão sobre o valor das memórias individuais e coletivas, e como elas contribuem para a construção da identidade social e cultural dos sujeitos, fundamenta as memórias expressas no capítulo 3. Em seguida, Caporal e Costabeber (2004) e Hecht (1989) serão utilizados para fundamentar os conceitos de agroecologia, discutindo suas origens, princípios e importância na promoção de uma agricultura sustentável e socialmente justa. Por fim, Rapozo (2018) e Rigon et al. (2010) são autores que analisam experiências de soberania e segurança alimentar no contexto da agricultura camponesa e familiar, mostrando o papel da agroecologia e das práticas tradicionais como instrumentos de autonomia, preservação ambiental e fortalecimento das comunidades rurais.

Pollak (1992) destaca que a memória é uma construção social, permeada por lembranças e silêncios, que dá sentido às experiências vividas e reforça o pertencimento coletivo. O autor mostra que a recordação não se limita ao passado, mas é constantemente reconstruída no presente, conforme o contexto social e histórico dos sujeitos. Nesse sentido, compreender as lembranças e histórias vividas na Chácara Santa Maria é compreender também a trajetória de uma família que, por meio do trabalho na terra, constrói sua identidade e transmite saberes sobre plantio natural e sustentável de geração em geração. As narrativas e experiências no cultivo da horta e na lavoura expressam não apenas o esforço físico, mas também a dimensão afetiva e simbólica da vida no campo, que molda a memória e fortalece os laços familiares.

Já Caporal e Costabeber (2004) compreendem a agroecologia como uma ciência, prática e movimento social que busca integrar conhecimentos tradicionais e científicos, orientando a produção agrícola de forma equilibrada com o meio ambiente. Os autores enfatizam que a agroecologia vai além da técnica: é uma proposta ética e política que promove a sustentabilidade, a diversidade e a autonomia das famílias rurais. Na Chácara Santa Maria, essa relação se manifesta nas práticas cotidianas de plantio, colheita e manejo dos alimentos, que

respeitam o ciclo natural da terra e mantêm uma conexão direta entre produção e cuidado ambiental.

Hecht (1989) complementa essa discussão ao apresentar a evolução do pensamento agroecológico, ressaltando que ele surge como uma alternativa à agricultura industrial e aos modelos produtivistas que priorizam o lucro em detrimento da sustentabilidade. Para a autora, o pensamento agroecológico valoriza o saber local e as experiências camponesas, reconhecendo nelas formas legítimas de conhecimento e inovação. A partir dessa perspectiva, as atividades desenvolvidas na Chácara Santa Maria podem ser vistas como práticas de resistência ao modelo agrícola dominante, pois preservam o equilíbrio ecológico e fortalecem o vínculo entre o ser humano e a natureza.

De acordo com Rapozo (2018), os quintais agroecológicos e as pequenas propriedades familiares representam espaços de produção e de afirmação cultural. A gênese dos quintais agroecológicos está diretamente relacionada aos processos históricos de resistência e adaptação das populações negras e camponesas, especialmente no contexto do sistema escravista nas Américas. Conforme analisa Judith Carney (2020), na obra *Subsistência no Plantationocene*: quintais, agrobiodiversidade e as economias subalternas da escravidão, os quintais surgiram como espaços de subsistência cultivados por pessoas escravizadas, que utilizavam pequenos lotes de terra para produzir alimentos, ervas medicinais e espécies trazidas da África. Esses espaços garantiam não apenas a sobrevivência alimentar, mas também a preservação de conhecimentos agrícolas, práticas culturais e redes de solidariedade.

Nesse sentido, Carney (2020) afirma que os quintais podem ser compreendidos como territórios de autonomia construídos em meio a um sistema de opressão, configurando-se como estratégias de resistência econômica e cultural. A diversidade de cultivos presentes nesses espaços favoreceu a agrobiodiversidade e contribuiu para a formação de sistemas alimentares locais mais resilientes. Ao longo do tempo, essa prática foi incorporada pelas populações rurais e pela agricultura familiar, consolidando-se como elemento fundamental da soberania alimentar no campo.

Esses ambientes garantem a soberania alimentar das famílias e reforçam a autonomia das mulheres e homens do campo. A autora destaca que a agricultura familiar é uma estratégia de resistência frente às desigualdades sociais e econômicas, pois mantém vivas as tradições, o cultivo diversificado e a cooperação comunitária. Na realidade da Chácara Santa Maria, essa soberania é visível nas práticas de produção e comercialização de hortaliças e frutas, que

contribuem tanto para o sustento da família quanto para a economia local, evidenciando a permanência histórica dos quintais como espaços de produção, memória e identidade cultural.

**Figura 7:** plantação de couve e alface



Fonte: Autora (2025)

No mais, Rigon et al. (2010) discutem que a soberania e a segurança alimentar são pilares fundamentais da agroecologia. Para os autores, produzir alimentos saudáveis, respeitando os saberes locais e os ciclos naturais, é uma forma de garantir o direito das famílias camponesas de viver dignamente de seu trabalho. A sistematização de experiências agroecológicas mostra que, além de promover sustentabilidade ambiental, essas práticas fortalecem a solidariedade e o sentimento de pertencimento comunitário. Essa visão se aproxima diretamente da realidade estudada, na qual a olericultura e a lavoura da Chácara Santa Maria não apenas sustentam economicamente a família, mas também mantêm viva a história e a memória do trabalho rural.

Assim, os autores apresentados Pollak (1992), Caporal e Costabeber (2004), Hecht (1989), Rapozo (2018) e Rigon et al. (2010) dialogam entre si ao tratar da importância da memória, da agroecologia e da agricultura familiar como dimensões que se entrelaçam no campo. Suas obras permitem compreender que o cultivo da terra não é apenas uma atividade econômica, mas uma forma de vida, de identidade e de resistência. Ao relacionar esses conceitos à Chácara Santa Maria, percebe-se que a olericultura e a lavoura, além de gerar renda e alimento, preservam histórias, valores e vínculos que fortalecem a permanência e a dignidade das famílias do campo.

#### **4.1 A AGRICULTURA FAMILIAR E SUA RELEVÂNCIA SOCIAL**

Um dos pilares do desenvolvimento rural brasileiro é a agricultura familiar, especialmente em regiões onde as práticas produtivas se entrelaçam às memórias e aos modos de vida das famílias do campo. Trata-se de um sistema produtivo que se caracteriza pelo uso predominante da força de trabalho familiar, por pequenas áreas cultivadas e, sobretudo, pela manutenção de tradições que atravessam gerações. Na Chácara Santa Maria, esse modelo assume um significado ainda mais profundo, pois preserva práticas de cultivo que se articulam com a história local, a vivência comunitária e a relação afetiva com a terra.

A literatura reforça que a agricultura familiar ocupa lugar central na produção de alimentos no Brasil, sendo responsável por mais de 70% dos itens que compõem a cesta básica, conforme aponta a Embrapa (2025). Isso evidencia que a produção familiar não apenas cumpre função econômica, mas também social, ao garantir segurança alimentar, diversidade de culturas agrícolas e menor dependência de insumos químicos. Além disso, sua dinâmica produtiva costuma promover maior respeito aos ciclos naturais e menor impacto ambiental em comparação aos sistemas de larga escala.

A dimensão social da agricultura familiar é marcada pela articulação da memória, da identidade e da continuidade cultural. Essa relação entre passado e presente aparece de forma clara nas vivências dos trabalhadores da Chácara Santa Maria, que guardam saberes transmitidos oralmente e preservam tradições agrícolas herdadas de seus antepassados. Como observa Pollak (1992), a memória individual é atravessada pela memória coletiva, e desse entrelaçamento emergem significados que fortalecem a identidade dos grupos sociais. Assim, as lembranças e narrativas dos agricultores não se limitam ao registro do passado, mas expressam a permanência de modos de vida que definem a própria existência da comunidade.

Ao longo das últimas décadas, políticas públicas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), criado em 1996, contribuíram para a visibilidade e o reconhecimento do setor. Essas iniciativas surgiram das lutas dos trabalhadores rurais e do entendimento de que o campo precisava de estímulos específicos para garantir dignidade, autonomia e sustentabilidade.

A promoção do bem-estar dos agricultores que atuam nesse modelo produtivo manifesta-se de forma concreta nas práticas cotidianas observadas na Chácara Santa Maria. A rotina de trabalho é organizada de maneira coletiva, envolvendo diferentes membros da família nas etapas de cultivo, colheita e comercialização dos produtos, o que fortalece os vínculos familiares e a cooperação no espaço rural. A participação ativa de Maria e Manoel nas feiras livres de Tocantinópolis, bem como a comercialização direta de porta em porta, passada de

conhecimento popular de Sebastião para Maria e Manoel, que foi adquirida de geração por geração de sua família, até Sebastião, esse processo evidencia não apenas a geração de renda, mas também a autonomia da família sobre seu trabalho e seus horários, respeitando o tempo das plantações. Além disso, a permanência da família na propriedade ao longo dos anos, com a adaptação de meios simples de transporte e a diversificação das atividades agrícolas, demonstra que a agricultura familiar, nesse contexto, contribui para a manutenção da vida no campo, reduzindo o êxodo rural e promovendo melhores condições de vida associadas ao trabalho, à terra e ao território.

No contexto brasileiro, destaca-se ainda a participação das comunidades quilombolas, que se configuram como importantes guardiãs de práticas agrícolas tradicionais. A produção agrícola nesses territórios envolve tanto atividades de cultivo quanto a fabricação de artesanatos que complementam a renda local. No entanto, essas comunidades enfrentam desafios permanentes relacionados à disputa territorial e às pressões do agronegócio. Como afirmam Oliveira (2017), os quilombolas enfrentam ameaças do agronegócio, da especulação imobiliária e do próprio poder público, o que dificulta a continuidade de seus modos de vida e de produção.

Essas tensões revelam que a agricultura familiar, apesar de sua relevância, permanece vulnerável a processos de modernização excludente e à expansão das fronteiras agrícolas. Ainda assim, o setor resiste e se reorganiza, mantendo vivas práticas que se sustentam na cooperação, no respeito à natureza e na transmissão de conhecimentos. Na Chácara Santa Maria, esses elementos aparecem de forma clara nas rotinas de plantio, colheita e cuidado com a terra, reforçando a importância de compreender a agricultura familiar não apenas como um modelo econômico, mas como um patrimônio cultural.

**Figura 8:** Vista geral da produção de hortaliças





Desta forma, é fundamental reconhecer que a agricultura familiar representa uma forma de resistência diante das transformações impostas pela modernização agrícola. Seu valor ultrapassa a produção de alimentos: está associado à preservação das identidades, das memórias e dos saberes que estruturam a vida rural. Assim, compreender a relevância desse modelo produtivo é também compreender a própria história das comunidades que, como a Chácara Santa Maria, constroem sua existência a partir do vínculo inseparável entre terra, trabalho e tradição.

## **4.2 AVANÇO DO AGRONEGÓCIO**

Na região onde está localizada a Chácara Santa Maria, o agronegócio predominante é a pecuária de corte, atividade que ocupa grande parte das propriedades vizinhas. Segundo Manoel, no início os pastos eram limpos manualmente, com roçado a partir da foice, porém atualmente muitos fazendeiros utilizam drones para aplicação de herbicidas na manutenção das pastagens. Embora represente modernização para os grandes produtores, essa prática tem gerado impactos diretos na olericultura desenvolvida na chácara, especialmente pela morte de diversas espécies de abelhas, fundamentais para a polinização das hortaliças e frutas cultivadas.

Manoel também destaca a preocupação com os recursos hídricos, pois em várias propriedades o gado é colocado para beber água diretamente nos córregos, o que provoca o aterramento de nascentes e o enfraquecimento das matas ciliares. Essa realidade é percebida no Ribeirão Salobo, cuja redução do volume de água tem exigido o aprofundamento dos poços da chácara para garantir o abastecimento. Dessa forma, o avanço da pecuária de corte na região evidencia tensões entre o modelo intensivo de produção e as práticas agroecológicas adotadas na Chácara Santa Maria.

O agronegócio tem se avançado de forma acelerada ao longo das últimas décadas, ocupando grande parte do território brasileiro e consolidando o país como uma das maiores potências agrícolas do mundo. Embora esse modelo contribua para o aumento das exportações e para o crescimento econômico, seus impactos socioambientais são amplamente discutidos pela literatura científica. A expansão do agronegócio contrasta com as práticas da agricultura familiar, que preserva a diversidade produtiva e reduz a dependência de insumos químicos.

Diferentemente do modelo familiar, o agronegócio opera com produções em larga escala, monoculturas extensas e uso intensivo de agrotóxicos. Essa lógica industrial da produção agrícola prioriza o rendimento econômico, mas coloca em risco a saúde humana e



ambiental. O Brasil, segundo dados consolidados por organizações de saúde pública, permanece como o maior consumidor mundial de agrotóxicos, o que potencializa os riscos de contaminação. Essa realidade afeta tanto os trabalhadores que manipulam esses produtos quanto os consumidores, que acabam ingerindo resíduos presentes em alimentos.

Os impactos ambientais também são significativos, envolvendo a contaminação de solos, rios e lençóis freáticos, além da perda de biodiversidade e da degradação da qualidade do ar. O uso indiscriminado de defensivos agrícolas tende a comprometer a fertilidade do solo, reduzindo sua capacidade produtiva a longo prazo. Nas comunidades rurais, esses efeitos são percebidos de forma intensa, especialmente por populações que vivem próximas a grandes áreas de cultivo.

O agronegócio, apesar de movimentar grandes quantidades de capital e contribuir para as exportações brasileiras, traz consigo contradições que precisam ser consideradas. Se por um lado gera lucro, por outro provoca impactos sociais severos, como a expulsão de pequenas famílias agricultoras e o aumento das desigualdades no campo. Para a Chácara Santa Maria, o avanço desse modelo representa uma ameaça simbólica e prática, uma vez que pressiona os espaços tradicionais de cultivo e altera a dinâmica das comunidades rurais.

Na comunidade Folha Grossa e na Chácara Santa Maria, esse avanço pode ser percebido na diminuição do volume de água do Ribeirão Salobo, em razão do gado beber diretamente nos córregos e do aterramento de nascentes, bem como na incidência de herbicidas aplicados nas pastagens vizinhas, que atingem as plantações e contribuem para a morte de abelhas, prejudicando a polinização.

A gravidade desse problema é evidenciada em produções audiovisuais como “O veneno está na mesa 1 e 2”, que denunciam os danos causados pelo uso de agrotóxicos e trazem relatos de pessoas que desenvolveram câncer e outras doenças causadas pela exposição prolongada a esses produtos. O filme indica como a lógica da produção em massa tem provocado adoecimento físico, perda da qualidade de vida e sofrimento social entre trabalhadores e moradores do entorno das plantações.

Essa discussão ganha força quando observamos o alerta de pesquisadores sobre a continuidade do uso de substâncias comprovadamente nocivas. Como mostram Araújo e Oliveira (2017, p. 122):

Os agrotóxicos reconhecidos cientificamente como danosos à saúde pública e ao meio ambiente, proibidos em diferentes países, continuam em circulação no Brasil. Segundo o ministério da saúde, no Brasil a cada ano cerca de 500 mil pessoas são contaminadas por agrotóxicos. As evidências de estudos em saúde apontam que os

agrotóxicos afetam a saúde dos consumidores de alimentos contaminados, moradores do entorno de áreas de produção agrícola ou de agrotóxicos, comunidades atingidas por resíduos de pulverização aérea, e majoritariamente trabalhadores agrícolas expostos.

São por esses motivos que devemos nos reeducar na hora de consumir alguns alimentos, não podemos parar de comer, mais podemos procurar maneiras diferentes para ter uma alimentação livre dos agrotóxicos. É possível ainda entender que os impactos do agronegócio ultrapassam o ambiente das plantações, alcançando consumidores, comunidades inteiras e ecossistemas naturais. A exposição direta ou indireta aos agrotóxicos pode causar problemas neurológicos, respiratórios, reprodutivos e até mesmo câncer, conforme alertado por estudos epidemiológicos recentes.

Assim, torna-se necessário repensar os padrões de consumo alimentar. Embora não seja possível eliminar completamente determinados produtos, é possível adotar práticas mais conscientes que privilegiem alimentos produzidos por agricultores familiares, agroecológicos ou orgânicos. Essas escolhas não apenas reduzem a exposição a agrotóxicos, mas fortalecem economias locais e valorizam modelos produtivos sustentáveis. Para a Chácara Santa Maria, esse cenário reforça a importância de manter viva uma agricultura pautada pela diversidade, pelo cuidado com a terra e pela preservação da saúde das famílias.

#### **4.3 AGROECOLOGIA E PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS**

A agroecologia surge como uma alternativa sólida diante dos desafios impostos pelo avanço do agronegócio e pela degradação ambiental. Essa abordagem integra conhecimentos científicos e saberes tradicionais, buscando promover sistemas agrícolas que dialoguem com os ciclos naturais e respeitem os limites ecológicos. Na Chácara Santa Maria, práticas simples, porém tradicionais, dialogam diretamente com princípios agroecológicos, mesmo que não sejam nomeadas como tal pelos agricultores. Trata-se de um modo de cultivo que se estrutura na relação de cuidado, observação da natureza e transmissão de saberes entre gerações.

Nesse sentido, o pai destaca que, primeiramente, a terra é gradeada, depois é feita a marcação e a construção dos canteiros, e a adubação é realizada com cuidado antes do plantio, ensinamentos que aprendeu e aperfeiçoou com Pedro, do Valdeke, e Augusto, do Ruraltins, reforçando a importância da troca de saberes na condução do trabalho com a terra.

Esse modo de produção se aproxima do que a literatura recente tem denominado de quintais agroecológicos, compreendidos como espaços de subsistência, memória e reprodução da vida no campo. Estudos desenvolvidos no estado do Tocantins evidenciam que esses quintais

historicamente desempenham papel central na alimentação das famílias, no apoio mútuo entre vizinhos e na construção de estratégias de sobrevivência, sobretudo em contextos de vulnerabilidade social. Além da função produtiva, esses espaços preservam saberes ancestrais relacionados ao cultivo diversificado e ao cuidado com a terra, transmitidos entre gerações como parte da experiência cotidiana no meio rural (Gabino; Lima; Aguiar, 2024).

Na Chácara Santa Maria, essa realidade se expressa no cultivo diversificado de hortaliças e frutas para o consumo e comercialização, na troca de mudas e sementes com vizinhos da comunidade Folha Grossa e na continuidade dos ensinamentos familiares sobre o preparo da terra e o cuidado diário com o plantio, fortalecendo os laços de cooperação e identidade no campo.

A literatura reforça a importância dessa perspectiva ao indicar que modelos agroecológicos tendem a ser mais resilientes, diversos e equilibrados. De acordo com Caporal e Costabeber (2004), a agroecologia representa uma abordagem sistêmica capaz de integrar aspectos ambientais, sociais e culturais na organização da produção agrícola. É importante destacar que esses autores compreendem a agricultura como um processo complexo, que não pode ser reduzido a técnicas isoladas. Assim, quando afirmam que a agroecologia busca articular diferentes formas de conhecimento, ressaltam que o agricultor é parte essencial desse processo.

Nesse sentido, Caporal e Costabeber (2004) afirmam que a agroecologia propõe uma integração profunda entre natureza e sociedade, fortalecendo sistemas de produção mais diversificados e ambientalmente equilibrados. Na Chácara Santa Maria, essa lógica pode ser percebida no modo como a olericultura se articula ao ritmo natural das chuvas, da fertilidade do solo e da disponibilidade de sementes tradicionais. A observação dos ciclos da terra, a escolha manual das sementes e o uso reduzido de insumos externos reforçam uma produção que valoriza a autonomia da família e o respeito ecológico.

A discussão sobre a origem da agroecologia também fortalece a compreensão do fenômeno. Hecht (1989) observa que o pensamento agroecológico emerge da necessidade de repensar a agricultura a partir de bases sustentáveis e plurais. Convém ressaltar que Hecht se dedica a investigar as relações entre sociedade, ambiente e território, indicando que a agricultura não pode ser desvinculada dos contextos históricos e culturais que a constituem. Dessa forma, ao afirmar que a agroecologia surge como resposta a modelos produtivos predatórios, o autor aponta para a urgência de reconstruir relações mais harmônicas com a terra.

A vivência dos agricultores da Chácara Santa Maria se aproxima dessa concepção ao revelar práticas cotidianas que reforçam o vínculo emocional e cultural com o cultivo. Mesmo sem uso intensivo de tecnologias, os agricultores manejam a terra com base em saberes adquiridos ao longo de suas vidas, preservando sementes crioulas, respeitando o tempo de descanso do solo e organizando a produção em pequena escala. Tais práticas se alinham ao que Rapozo (2018) denomina “quintais agroecológicos”, compreendidos como espaços de afirmação cultural e de soberania alimentar. Antes da citação, é importante contextualizar que esses quintais representam mais do que áreas produtivas: são parte da história e da identidade das famílias camponesas.

Rapozo (2018) destaca que os quintais agroecológicos representam não apenas espaços de cultivo, mas de afirmação cultural e soberania alimentar, onde a produção local garante o sustento e a autonomia das famílias camponesas. Após essa citação, compreende-se que a Chácara Santa Maria reflete esse mesmo princípio, na medida em que sua produção está diretamente relacionada à sobrevivência da família e à manutenção de práticas agrícolas que ultrapassam a dimensão econômica. Essa perspectiva reforça que a agroecologia não se limita à técnica, mas envolve valores, memórias e modos de viver.

Noções de soberania e segurança alimentar, amplamente associadas à agroecologia devem ser evidenciadas, Rigon et al. (2010) ressaltam que esses princípios constituem a base para garantir o direito das famílias de produzir e consumir alimentos saudáveis, respeitando seus costumes culturais e sociais. Essa visão se materializa na Chácara Santa Maria, onde a produção agrícola não visa apenas à comercialização, mas sobretudo ao abastecimento da própria família, garantindo autonomia e qualidade de vida.

A produção destinada prioritariamente ao consumo da própria família, característica dos quintais agroecológicos, contribui diretamente para a garantia de alimentos saudáveis e culturalmente adequados. Essa lógica fortalece a autonomia das famílias camponesas e reafirma o direito de produzir e consumir alimentos de acordo com seus costumes, valores e modos de vida, aspecto recorrente nas experiências agroecológicas desenvolvidas no território tocantinense (Gabino; Lima; Aguiar, 2024).

Diante do exposto, compreender a agroecologia no contexto da Chácara Santa Maria significa reconhecer a potência das práticas tradicionais que se mantêm vivas apesar das transformações no campo. A olericultura e a lavoura desenvolvidas pela família constituem mais do que atividades econômicas: representam memórias, histórias e relações afetivas que configuram a identidade do grupo. Ao valorizar essas práticas, reafirma-se que a agroecologia

é também uma forma de resistência cultural e ambiental, que preserva vidas, territórios e histórias.

#### **4.4 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OLERICULTURA E LAVOURA NA CHÁCARA SANTA MARIA**

A olericultura consiste no cultivo de hortaliças, englobando técnicas específicas de preparo do solo, manejo, produção de mudas, escolha de cultivares e colheita, como a gradagem da terra, a marcação e construção de canteiros, a adubação orgânica, a irrigação controlada e o controle manual de plantas espontâneas. Trata-se de uma atividade de grande relevância para a agricultura familiar brasileira, especialmente porque possui ciclos produtivos curtos e gera renda de forma contínua ao longo do ano.

Segundo Santos et al. (2025), a olericultura desempenha papel essencial na dinamização da cadeia produtiva das hortaliças, contribuindo diretamente para a segurança alimentar e para o fortalecimento econômico de pequenos produtores. Além disso, tem se consolidado como um campo em expansão, incorporando práticas sustentáveis e sistemas de produção que valorizam o uso racional dos recursos naturais (Bilhalva et al., 2022).

**Figura 9:** plantação de hortaliças



Fonte: autora (2025)

Ao longo dos anos, a olericultura tem passado por processos de transformação que envolvem tanto aspectos tecnológicos quanto a valorização do trabalho familiar no campo. Conforme aponta Syngenta (2023), o desenvolvimento histórico do setor acompanha as demandas por alimentos mais saudáveis, práticas produtivas sustentáveis e melhoria da qualidade de vida dos agricultores. Nesse sentido, a experiência desenvolvida na Chácara Santa



Maria, localizada no município de Tocantinópolis, ilustra de forma concreta como a produção de hortaliças pode se integrar às dinâmicas socioeconômicas da agricultura familiar regional.

O agricultor Manoel iniciou suas atividades rurais em 1995 e, em 1997, especializou-se em olericultura, aprofundando seus conhecimentos sobre manejo adequado, produção de composto orgânico, escolha de espécies, preparo do solo, materiais de plantio e produção de mudas. Desde então, sua trajetória profissional tem sido marcada pelo aperfeiçoamento de práticas sustentáveis e pela participação ativa de sua família na propriedade. Casado e pai de cinco filhos, Manoel sempre contou com o apoio de todos nas atividades de cultivo, fortalecendo o caráter familiar da produção.

Sua primeira experiência coletiva ocorreu no ano 2000, quando integrou uma associação com outros quatro agricultores para a produção de tomate. Embora o resultado tenha superado as expectativas, a falta de comprometimento dos demais levou-o a dedicar-se integralmente ao cultivo de hortaliças. A participação de seus filhos desde a infância contribuiu para que todos aprendessem, de maneira prática, o manejo adequado das culturas e a importância da agricultura familiar para a subsistência e renda.

Na Chácara Santa Maria, Manoel cultiva diversas hortaliças, como alface, couve, coentro, cebolinha, salsa e hortelã. Além disso, trabalha com uma diversidade de frutíferas, como banana, manga, cupuaçu, abacate, jaca e outras espécies que enriquecem a produção familiar. A propriedade também conta com criação de galinhas caipiras, o que garante ovos e carne para o consumo familiar, compondo um sistema produtivo diversificado e sustentável.

**Figura 10:** produção de melancia e mandioca



Fonte: Autora (2025)

Como explica o produtor, manter uma horta orgânica é mais simples do que muitos imaginam. Segundo Manoel, é possível reutilizar caixas e baldes descartados, além de produzir adubos orgânicos a partir de cascas de ovos, restos de alimentos e cinzas, prática que aprendeu ao longo dos anos no contato direto com a terra. Essa prática reduz custos e contribui para a oferta de alimentos saudáveis e livres de agrotóxicos, alinhando-se às recomendações de produção sustentável discutidas por Bilhalva et al. (2022).

As condições climáticas exercem influência direta no desenvolvimento das hortaliças. No período seco, especialmente no verão, observa-se melhor qualidade das folhosas e aumento das vendas, pois o clima favorece o desenvolvimento das plantas e melhora sua aparência, característica muito valorizada pelos consumidores. De acordo com RURALTINS (1997), hortaliças folhosas e raízes desenvolvem-se melhor entre 15°C e 23°C, enquanto hortaliças de fruto apresentam maior produtividade entre 18°C e 25°C. No entanto, durante o período de chuvas, a produção diminui significativamente, especialmente em cultivos mais sensíveis, como o coentro, devido ao encharcamento e à lixiviação de nutrientes.

Essa realidade evidencia a importância da infraestrutura presente na propriedade. A Chácara Santa Maria utiliza dois poços: um para consumo doméstico e outro destinado exclusivamente à irrigação de hortaliças e frutíferas. O manejo da água é estratégico, principalmente em períodos de estiagem, quando o produtor ajusta a frequência de irrigação e aproveita ao máximo os reservatórios disponíveis. Essa gestão cuidadosa dialoga com práticas recomendadas na literatura, que destacam o uso racional da água como elemento central na sustentabilidade agrícola (Alencar; Gomes, 2022).

**Figura 11:** Poços



Fonte: Autor (2025)

No que diz respeito ao manejo e às técnicas de cultivo, Manoel emprega métodos simples, mas eficientes, como o uso de palhada para conservar a umidade do solo, controle manual de pragas, espaçamento adequado e observação sistemática do desenvolvimento das plantas. Como afirma o próprio produtor, “a gente precisa olhar a planta todo dia, ver como a terra está, se precisa de água ou de reforço na adubação”, evidenciando o cuidado constante com o cultivo. Esses procedimentos fortalecem a sanidade da produção e reduzem custos, articulando saber tradicional e recomendações agroecológicas, conforme defendido por Gliessman (2018).

Entre as atividades desenvolvidas na propriedade, e que é importante para a realidade local, destaca-se a produção de cana-de-açúcar, tradicionalmente moída em engenho manual, atividade pesada e cansativa. Após o processamento, a cana é utilizada principalmente para a produção de caldo e rapadura, destinados ao consumo da família e à partilha com vizinhos e parentes. Contudo, em 2025, foi possível adquirir uma nova engenhoca movida a gasolina, o que representa um avanço significativo nas condições de trabalho, reduzindo o esforço físico e aumentando a eficiência da produção. No mesmo ano, foi realizado o primeiro plantio de melancia na propriedade. Embora, por se tratar de uma experiência inicial, não tenha atingido uma produção ideal, ainda assim resultou em colheitas suficientes para o consumo da família e distribuição entre parentes, refletindo o caráter experimental e de aprendizagem contínua típico da agricultura familiar.

Além da produção de subsistência e da comercialização direta, a Chácara Santa Maria integra programas governamentais que fortalecem a renda dos agricultores familiares. Manoel fornece hortaliças ao Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Compra Direta e Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Segundo o produtor, esses programas são fundamentais para a manutenção da propriedade e para o sustento familiar, mesmo diante de desafios como a desvalorização de produtos orgânicos em mercados que priorizam alimentos de aparência padronizada.

Atualmente, Manoel fornece hortaliças para diversas escolas urbanas e indígenas: Colégio José Carneiro de Brito (180 alunos), Colégio Aldenoura Alves Correia (105 alunos), Colégio XV de Novembro (136 alunos), além das escolas indígenas Aldeia São José (145 alunos), Aldeia Palmeiras (29 alunos), Aldeia Patizal (15 alunos) e Aldeia Mariazinha (101 alunos). Sua atuação reforça o papel social do agricultor familiar e sua importância na promoção da segurança alimentar. Como ensina Manoel (2020), ser agricultor familiar representa não



apenas uma profissão, mas um legado transmitido aos filhos, marcado por orgulho e reconhecimento.

A produção de alimentos saudáveis, livres de agrotóxicos, contribui para a preservação ambiental e para a saúde humana, princípios amplamente defendidos por Santos et al. (2025) e por autores que discutem a agroecologia e a sustentabilidade no contexto da agricultura familiar.

Dessa forma, a experiência da Chácara Santa Maria evidencia a relevância da olericultura como atividade sustentável, socialmente significativa e economicamente viável, inserida nas políticas públicas de apoio à agricultura familiar e fundamentada no saber tradicional aliado às práticas aprendidas em cursos e na experiência cotidiana no campo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos apresentar de forma mais ampla a trajetória produtiva e histórica da Chácara Santa Maria, evidenciando como a olericultura e a lavoura constituem não apenas meios de subsistência, mas também expressões de memória, identidade e resistência da agricultura familiar no território de Tocantinópolis. A partir da pesquisa de campo, das observações realizadas e dos relatos colhidos com o agricultor Manoel e sua família, tornou-se possível reconstruir o caminho percorrido desde os primeiros plantios até as práticas atuais, revelando um modo de vida profundamente conectado ao trabalho na terra e à continuidade de saberes tradicionais.

O estudo reafirmou que a agricultura familiar permanece como um dos pilares sociais e econômicos do campo, sendo responsável pela produção diversificada de alimentos e pela preservação de práticas sustentáveis que mantêm o equilíbrio ambiental. A experiência vivida na Chácara Santa Maria demonstra que o trabalho coletivo, a cooperação entre os membros da família e o respeito ao tempo da natureza constituem elementos centrais na manutenção dessa forma de produzir. Mesmo diante de desafios, como a irregularidade climática, as exigências de mercado e a desvalorização dos produtos livres de agrotóxicos, a família segue aprimorando suas técnicas de cultivo, reinventando-se e fortalecendo seu vínculo com a terra.

A análise das práticas produtivas evidenciou ainda como a olericultura se integra ao cotidiano da família, reforçando a autonomia e contribuindo para a segurança alimentar do grupo e da comunidade local. A participação em programas governamentais como o PNAE, o PAA e a Compra Direta confirmaram-se como uma importante fonte de renda, além de representar reconhecimento do papel social desempenhado pelo agricultor familiar. Esse ponto se mostrou essencial para compreender como políticas públicas influenciam diretamente a permanência das famílias no campo.

As lembranças narradas pelos entrevistados, as transformações feitas ao longo das décadas, as adaptações no cultivo e a transmissão de conhecimentos entre gerações revelam que a Chácara Santa Maria ultrapassa a dimensão produtiva e constitui-se como um espaço de pertencimento, de memória viva e de construção de identidades. Nesse sentido, a pesquisa dialoga com autores que destacam a importância da memória, do território e da agroecologia para a compreensão das práticas rurais contemporâneas.

Os objetivos propostos foram alcançados com êxito. Foi possível apresentar a história da chácara, compreender as práticas de olericultura e lavoura desenvolvidas, analisar sua relevância social e discutir os desafios enfrentados pela agricultura familiar diante do avanço

do agronegócio e das mudanças no campo. Ao mesmo tempo, a pesquisa evidenciou o potencial das práticas agroecológicas e da produção diversificada como alternativas sustentáveis e culturalmente significativas.

Por fim, este estudo reforça a necessidade de ampliar pesquisas que valorizem as experiências das famílias agricultoras, reconhecendo-as como guardiãs de saberes que atravessam gerações e que contribuem para a manutenção da vida, da cultura e da biodiversidade. A história da Chácara Santa Maria, ao ser registrada e sistematizada neste trabalho, torna-se parte de um patrimônio coletivo, que inspira reflexões sobre o papel do campo, da memória e da produção de alimentos saudáveis. Espera-se que este registro contribua para futuras investigações e para o fortalecimento da educação do campo, promovendo reconhecimento, diálogo e valorização das práticas agrícolas familiares.

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Miguel A.; HECHT, Susanna B. *Agroecology and small farm development*. Boca Raton: CRC Press, 1990.
- ARAÚJO, Isabelle Maria Mendes de; OLIVEIRA, Ângelo Giuseppe Roncalli da Costa. Agronegócio e agrotóxicos: impactos à saúde dos trabalhadores agrícolas no nordeste brasileiro. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 15, n. 1, p. 117-129, 2017.
- BILHALVA, Caroline Dutra et al. *Olericultura: uma proposta sustentável – a percepção do agricultor de sistemas de base familiar*. Anais do VII SEUR e I Colóquio Internacional Sobre Educação do Campo e Ensino de Geografia, Eixo 4 – Paisagem Rural, Agroecologia e Sustentabilidade, 2022.
- BRASIL. *Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento*. Curso de Olericultura. RURALTINS, 1997.
- CARNEY, Judith A. *Subsistence in the Plantationocene: dooryard gardens, agrobiodiversity, and the subaltern economies of slavery*. *The Journal of Peasant Studies*, v. 48, ed. 5, p. 1-27, 2020.
- CARVALHO, Luis Osete Ribeiro. DUARTE, Francisco Ricardo. MENEZES, Afonso Henrique Novaes. SOUZA Tito Eugênio Santos [et al.]. *Metodologia científica: teoria e aplicação na educação a distância*. Petrolina-PE, 2019. 83 p.: 20 cm. 1 Livro digital. Disponível em: < <https://portais.univasf.edu.br/dacc/noticias/livro-univasf/metodologia-cientifica-teoria-e-aplicacao-na-educacao-a-distancia.pdf> >. Acesso em: 10 out. 2025.
- EVARISTO, Conceição. *A Escrivivência e seus subtextos*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. Disponível em: [https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod\\_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf](https://presencial.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/404636/mod_resource/content/1/EVARISTO%20A%20escrevivencia%20e%20seus%20subtextos.pdf). Acesso em: 28 nov. 2025.
- CUJUBA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2026. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cujuba/>. Acesso em: 28 nov. 2025.
- EMBRAPA. *Cartilha desvenda a agricultura familiar e reforça sua relevância*. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — Embrapa, 12 nov. 2025. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/104577563/cartilha-desvenda-a-agricultura-familiar-e-reforca-sua-relevancia>. Acesso em: 20 nov. 2025.
- FERREIRA, Júlia; MAGALHÃES, Cristiane Rosa; AMARAL, Athus Martins Salgado; MACEDO, Vanessa Pontes; RAMOS, Fabiana de Oliveira. *A importância da agroecologia na promoção da saúde humana e ambiental: perspectivas para uma agricultura saudável e sustentável*. Anais do XII Congresso Brasileiro de Agroecologia, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 2024. Disponível em: <https://cadernos.aba-agroecologia.org.br/cadernos/article/view/9201>. Acesso em: 20 nov. 2025.
- GABINO, Maria Zilma; LIMA, Luciméa Santos; AGUIAR, Vinicius Gomes de. *Quintal agroecológico: memórias de subsistência, relações de gênero e descolonização de práticas*

educativas. **Revista Tocantinense de Geografia**, ISSN 2317-9430. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/geografia>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GOMES, João Carlos Costa; ASSIS, William Santos de. *Agroecologia: princípios e reflexões conceituais*. Brasília, DF: Embrapa, 2013. (Coleção Transição Agroecológica; 1). ISBN 978-85-7035-257-6.

HECHT, Susanna B. *A evolução do pensamento agroecológico*. In: *ALTIERI, M. A. (org.). Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa*. Rio de Janeiro: AS-PTA / FASE, 1989.

IBGE. *Atlas do Espaço Rural Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011 (2. ed. 2020). Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/apps/atlasrural/pdfs/11\\_00\\_Texto.pdf](https://www.ibge.gov.br/apps/atlasrural/pdfs/11_00_Texto.pdf). Acesso em: 20 nov. 2025.

IBGE. *Cidades e Estados*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/to/tocantinopolis.html>. Acesso em: 05 dez. 2025.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. Disponível em: [http://adm.ufrpe.br/sites/ww4.deinfo.ufrpe.br/files/Fundamentos\\_de\\_Metodologia\\_Cienti%C3%A7a.pdf](http://adm.ufrpe.br/sites/ww4.deinfo.ufrpe.br/files/Fundamentos_de_Metodologia_Cienti%C3%A7a.pdf). Acesso em: 10 out. 2025.

LOPES. *Depoimento concedido à autora*. Tocantinópolis, 2020.

POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941>. Acesso em: 15 out. 2025.

RAPOZO, Bruna Maria da Silva. Quintais agroecológicos e soberania alimentar na agricultura camponesa no Sertão do Pajeú. **Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)**, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/52038>. Acesso em: 15 out. 2025.

RIGON, S. A. et al. (Orgs). Soberania e segurança alimentar na construção da agroecologia: sistematização de experiências. *Grupo de Trabalho em Soberania e Segurança Alimentar da Articulação Nacional de Agroecologia - GT SSA/ANA*. 1. ed. Rio de Janeiro: FASE, 2010.

SAMPAIO, Tuane Bazanella. *METODOLOGIA DA PESQUISA*. – 1. ed. – Santa Maria, RS: UFSM, CTE, UAB, 2022. 1 e-book: il. Disponível em: [https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/26138/MD\\_Metodologia\\_da\\_Pesquisa.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/26138/MD_Metodologia_da_Pesquisa.pdf?sequence=1). Acesso em: 10 out. 2025.

SANTOS, Lourenço Oliveira dos et al. A importância da olericultura na dinamização da cadeia produtiva de hortaliças na agricultura familiar no Brasil. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 9, n. 1, p. 1-10, maio 2025. DOI: 10.61164/rmm. v10i1.3913.

SANTOS, Henrique Moreira; SCHERER, Alexandra. *Benefícios da palhada sobre o solo obtida pela prática do sistema de plantio direto*. 2019. Disponível em: <https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/67850/1/Benef%C3%ADcios%20>

da%20Palhada%20sobre%20o%20Solo%20Obtida%20pela%20Pr%C3%A1tica%20do%20Sistema%20de%20Plantio%20Direto.pdf. Acesso em: 20 dez.2025.

SYNGENTA. **Tudo sobre olericultura: história, evolução e desafios no campo**. 2023. Disponível em: <https://maisagro.syngenta.com.br/tudo-sobre-agro/tudo-sobre-olericultura-historia-evolucao-e-desafios-no-campo/>. Acesso em: 18 nov. 2025.

TAIPA. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2026. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/taipa/>. Acesso em: 28 nov. 2025.

TENDLER, Sílvio (dir.). **O Veneno Está na Mesa / O Veneno Está na Mesa II**. Documentário(s). Brasil: Caliban / Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e pela Vida; 1ª ed. 2011 (I) e 2014 (II). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fyvoKljtvG4> (II) e páginas institucionais sobre o documentário. Acesso em: 20 nov. 2025.

TOCANTINS. Governo. Disponível em: <http://seden.to.gov.br/desenvolvimento-da-cultura/tocantins---historia/>. Acesso em: 05 dez. 2025.

\_\_\_\_\_. **Governo do Tocantins investe na agropecuária e fortalece o setor rural...** — Elmiro de Deus/Governo do Tocantins. Palmas, 16 dez. 2024. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secom/noticias/governo-do-tocantins-investe-na-agropecuaria-e-fortalece-o-setor-rural/5nmm5sztoiof>. Acesso em: 20 dez. 2025.

\_\_\_\_\_. **MT/SETAS/RURALTINS FAT-fundo de Amparo ao Trabalhador Ruraltins curso olericultura**, ano.1997). (IDEM).

\_\_\_\_\_. **Agricultura familiar**, <https://www.todamateria.com.br/agricultura-familiar>). Acesso em: 19/11/2020. (IDEM).

\_\_\_\_\_. **Impactos ambientais causados pelo agronegócio no brasil** <https://m-brasilecola-uol-com-br.cdn.ampproject.org/v/s/m.brasilecola.uol.com.br/amp/brasil/impactos-ambientais-causados-pelo-agronegocio-no-brasil>). Acesso em: 21/11/2000. (IDEM).

## **ANEXOS**

### **1 QUESTIONÁRIO**

1. Como e em que ano vocês chegaram à Chácara Santa Maria?
2. O que motivou vocês a comprarem ou iniciarem a chácara?
3. Como era o local quando vocês chegaram (estrutura, plantações, moradia)?
4. Quais foram as primeiras culturas que vocês começaram a plantar?
5. Como era o trabalho no início? Quais eram as maiores dificuldades enfrentadas?
6. Que tipo de ferramentas ou instrumentos vocês usavam no começo?
7. Como vocês aprenderam a cultivar e cuidar das plantações?
8. Quais foram as primeiras frutas ou hortaliças que começaram a dar resultado?
9. Como era feita a venda da produção? (loais, transporte, frequência, público)
10. Qual era a rotina de trabalho diário de vocês na chácara?
11. Que papel a família tinha no trabalho da chácara (os filhos, por exemplo)?
12. Houve alguma mudança importante nas plantações ou na forma de trabalhar ao longo dos anos?
13. Como vocês descreveriam a importância da chácara para a vida da família?
14. Quais lembranças mais marcam vocês quando pensam na história da Chácara Santa Maria?
15. De que forma o trabalho com a terra influenciou a educação e os valores da família?
16. Que conselhos ou ensinamentos vocês deixariam para as próximas gerações sobre o trabalho na roça?
17. O que significa, para vocês, ver a história da chácara sendo registrada em um trabalho de pesquisa?